

O VEREDICTO¹
DAS URTEIL, 1916

Franz Kafka

Passou-se numa manhã de Domingo, em plena Primavera. Georg Bendemann, um jovem comerciante, encontrava-se sentado no seu quarto, no primeiro andar de uma daquelas casas baixas e de construção pouco sólida que se estendiam ao longo do rio, num longo enfiamento, e que quase só se distinguem pela altura e pela cor. Tinha acabado de escrever uma carta a um amigo da sua juventude que se encontrava no estrangeiro. Fechou-a numa lentidão desmedida e, com o cotovelo apoiado na secretária, olhou depois pela janela para o rio, a ponte e as elevações na outra margem, com a sua vegetação de um verde esbatido.

Cogitava sobre as razões que levaram este seu amigo, insatisfeito com o rumo da sua carreira na cidade natal, a refugiar-se de facto na Rússia havia alguns anos. Dirigia, agora, um negócio em São Petersburgo, que, de início, prosperara muito bem, mas que, desde há muito, parecia ter estagnado, pela forma como o amigo se queixava, aquando das suas visitas, cada vez mais espaçadas. Assim se exauria ele inutilmente a trabalhar em solo estranho. A barba, de corte invulgar, mal lhe escondia o rosto bem conhecido da infância, cuja cor amarelada da pele parecia ser o sinal de uma doença em gestação. Segundo ele contava, não tinha quaisquer relações com a comunidade local dos seus compatriotas, sendo os seus contactos sociais com as famílias da região quase nulos, pelo que se preparava, assim, para um celibato definitivo.

Que escrever a um homem assim, que se tinha manifestamente enganado, de quem se podia ter pena, mas a quem não era possível ajudar? Será que devia ser aconselhado a regressar a casa, a mudar-se para aqui, a reestabelecer as velhas relações de amizade – a que nada obstava – e, ademais, a confiar na ajuda dos amigos? Mas isso não significaria mais do que dizer-lhe, de forma cuidadosa mas não menos melindrosa, que todas as suas tentativas até agora foram um fracasso, que ele devia, enfim, desistir delas, que deveria regressar e deixar-se para sempre encarar por todos, com olhos esbugalhados, como um

¹ Esta tradução foi feita para o teatro, em Maio de 1999, a pedido do grupo “Vições Úteis”, que encenou o texto, na altura, e o levou à cena em mais de 30 estabelecimentos prisionais de todo o país. Esta produção integrou-se numa trilogia sobre a punição, trabalhada no âmbito do “projecto liberdades 99” que teve exactamente por objectivo fazer chegar o teatro às prisões. Encenação e Concepção: Ana Vitorino, Carlos Costa, Catarina Martins e Pedro Carreira. Interpretação: Carlos Costa e Pedro Carreira.

retornado, a quem apenas os seus amigos conseguiam compreender um pouco, não passando ele de uma velha criança que teria, pura e simplesmente, de seguir os seus amigos bem sucedidos que tinham ficado no país. E será que poderia ainda ter algum efeito todo o tormento que lhe iríamos causar? Talvez nem sequer se conseguiria trazê-lo de todo para casa – ele próprio dizia não perceber já a situação vigente no seu país – e, assim, lá continuaria ele, apesar de tudo, naquela sua terra alheia, irritado com os conselhos e ainda um pouco mais distante dos amigos. Seguisse ele realmente esse conselho, e seria aqui vexado – não intencionalmente, claro, mas sim pelos factos –, sentindo-se deslocado quer com os seus amigos quer sem eles, dominado pela humilhação, e, aí, de facto, ele não teria mais nem pátria, nem amigos. Não era pois muito melhor para ele permanecer em solo estrangeiro, tal como estava? Seria pois legítimo, em tais circunstâncias, pensar que ele teria aqui, realmente, possibilidades de ir para a frente?

Por estas razões e no caso de se querer manter de pé a ligação epistolar com ele, não se podiam dar quaisquer notícias verdadeiras, como se dariam, sem receio, aos conhecidos mais afastados. O amigo, há mais de três anos que não havia estado na terra natal e explicava este facto, de forma desajeitada, pela insegurança da situação política na Rússia, a qual não permitia, até, a mais pequena ausência de um pequeno comerciante. Centenas de milhares de russos andavam, no entanto, às voltas pelo mundo despreocupadamente. No decurso desses três anos, muita coisa se havia de facto modificado no que respeita a Georg. Da morte de sua mãe, que acontecera há cerca de dois anos, a partir da qual ele passara a partilhar a vida doméstica com o pai, o amigo ainda veio a saber, tendo expressado as suas condolências numa carta, cuja forma seca só podia ter como razão o facto de o pesar por uma tal ocorrência ser totalmente difícil de imaginar numa terra estranha. Desde essa altura que Georg acompanhava também com maior firmeza o seu negócio, como, aliás, acontecia com tudo o resto. Talvez que o pai, em vida da mãe, o tivesse impedido de ter uma actividade própria, ao querer fazer valer na firma apenas a sua opinião. Talvez que, após a morte da mãe, o pai se tenha tornado mais reservado, mesmo continuando sempre a trabalhar na firma, ou talvez, o que era muito provável, que acasos felizes tivessem tido um papel bem mais importante; em todo o caso, a verdade é que o negócio se tinha desenvolvido de forma completamente inesperada nestes dois anos. Foi necessário aumentar o pessoal para o dobro, o volume de negócios quintuplicou, estando iminentes, sem sombra de dúvidas, novos progressos.

O amigo não fazia, todavia, ideia alguma desta transformação. Outrora, talvez pela última vez naquela carta de condolências, ele havia tentado persuadir Georg a emigrar para a Rússia, excedendo-se quanto às perspectivas que existiam em São Petersburgo, exactamente na mesma área de negócios de Georg. Os números eram insignificantes face à envergadura que tinha agora assumido o negócio de Georg. Mas este não tinha, contudo, qualquer vontade de escrever ao amigo sobre os seus sucessos comerciais e, agora, a posteriori, teria um ar verdadeiramente singular.

Assim, Georg limitava-se a relatar ao amigo apenas acontecimentos insignificantes, tal como estes se amontoam desordenadamente na nossa memória, quando meditamos ao longo de um domingo tranquilo. Ele não queria senão deixar intacta a ideia que, entretimentos, o amigo criara da sua cidade natal e à qual se acomodara. E, assim, aconteceu a Georg anunciar, por três vezes, ao amigo, em cartas espaçadas entre si, o noivado de um homem sem importância com uma rapariga, igualmente, sem importância, até que o amigo, bem contra os desígnios de Georg, se começou a interessar por este caso fora do comum.

Georg, no entanto, escrevia-lhe de melhor grado tais coisas do que se tivesse de confessar que ele mesmo tinha ficado noivo, há um mês, de uma menina de família abastada de nome Frieda Brandenfeld. Ele falava frequentemente deste amigo com a sua noiva, bem como da relação epistolar, que com ele mantinha. “Ele não virá então de modo algum ao nosso casamento”, dizia ela, “e, no entanto, eu tenho direito a conhecer todos os teus amigos.” “Não o quero incomodar”, retorquia Georg, “tenta entender-me, ele talvez viesse, pelo menos é o que eu creio, mas ele iria sentir-se obrigado, e até lesado. Talvez me invejasse e regressasse, de novo, só, certamente infeliz e incapaz jamais de ultrapassar essa infelicidade. Só – sabes o que isso significa?” “Sim, mas não será que ele pode tomar conhecimento do nosso casamento de outra forma?” “Não o posso impedir, mas isso é pouco provável, tendo em conta a sua maneira de viver.” “Se tens amigos assim, não deverias nunca ser meu noivo.” “Sim, a culpa é de nós ambos; mas também agora eu não desejaria que as coisas fossem de outro modo.” E quando ela, respirando ofegante sob os seus beijos, ainda argumentou - “A verdade é que ainda me causa mágoa” - ele considerou, por fim, anódino contar tudo ao seu amigo. “Eu sou assim e, assim, terá ele de me aceitar”, disse ele, “não sou capaz de dar de mim a imagem de outra pessoa, provavelmente mais adequada do que eu à relação de amizade com ele.”

E, de facto, ele relatou ao amigo, numa longa carta, escrita por ele nesta manhã de domingo, o noivado, que havia já tido lugar, nos seguintes termos: “Deixei para o fim a melhor novidade. Fiquei noivo de uma menina de nome Frieda Brandenfeld, uma rapariga de uma família abastada, que para cá se mudou muito depois da tua partida e que tu, com certeza, mal conhecerás. Haverá ainda ocasião para te contar mais pormenores sobre a minha noiva; por hoje, basta ficares a saber que estou feliz e que, na nossa relação mútua, uma única coisa mudou até agora, na medida em que passarás a ter em mim um amigo feliz, em lugar de um amigo redondamente banal. Além disso, terás na minha noiva, que te manda afectuosas saudações e que, em breve, te escreverá pessoalmente, uma amiga sincera, o que, para um jovem celibatário, não está totalmente isento de significado. Sei que muita coisa te impede de nos fazeres uma visita. Não seria, todavia, o meu casamento a ocasião certa para, uma vez que seja, afastar todos os obstáculos? Seja como for, age livremente, tendo em atenção apenas a tua vontade.”

Com esta carta na mão, Georg esteve muito tempo sentado à sua secretária, com o rosto voltado para a janela. A um conhecido que, ao passar pela travessa, o havia cumprimentado, mal respondera ele com um sorriso ausente.

Por fim, colocou a carta no bolso e saiu do seu quarto, atravessando um pequeno corredor até ao quarto do pai, onde já, havia meses, não entrava. Não havia, aliás, qualquer necessidade, pois lidava com ele permanentemente na firma. Almoçavam num restaurante à mesma hora e, à noite, cada um tratava de si à sua vontade; sentavam-se, porém, depois, por momentos, com um jornal, numa sala de estar comum, quando Georg, o que frequentemente acontecia, não estava na companhia de amigos ou, como nos últimos tempos, em visita à sua noiva.

Georg ficou admirado do quarto do pai estar tão escuro, mesmo nesta manhã cheia de sol. Era o alto muro que se elevava do outro lado do pátio que projectava uma sombra assim. O pai estava sentado junto à janela, num canto ornamentado com memórias várias da sua saudosa mãe, e aí lia o jornal, que ele segurava, inclinado para o lado, diante os olhos, tentando assim suprir uma certa fraqueza de visão. Sobre a mesa, encontravam-se os restos do pequeno-almoço, que parecia quase intacto.

“Ah, Georg!”, disse o pai, indo logo ao seu encontro. O seu pesado roupão abria-se com o andar e as suas pontas revolteavam à sua volta – “o meu pai é ainda um gigante”, pensou Georg.

“Isto aqui é insuportavelmente escuro”, disse ele então.

“Sim, lá isso está”, respondeu o pai.

“Também fechaste a janela?”

“Prefiro assim”.

“Mas está calor lá fora”, afirmou Georg, como num complemento ao que dissera antes, e sentou-se.

O pai levantou a louça do pequeno-almoço e colocou-a sobre uma arca.

“De facto, queria apenas dizer-te”, continuou Georg, que, completamente distraído, seguia os movimentos do velho homem, “que acabei de anunciar para São Petersburgo o meu noivado.” Puxou a carta um pouco para fora do bolso, largando-a em seguida.

“Para São Petersburgo?” questionou o pai.

“Sim, ao meu amigo”, replicou Georg, procurando os olhos do pai. – “Na firma ele é completamente outro”, pensou ele, “a forma como ele aqui se senta à vontade e cruza os braços sobre o peito!”.

“Pois. O teu amigo”, frisou o pai.

“Tu bem sabes, pai, que eu quis, de início, passar em silêncio o meu noivado. Por consideração, e não por qualquer outra razão, de resto. Tu próprio sabes como ele é uma pessoa difícil. Mas dizia a mim próprio, que, por outro lado, ele poderia vir a saber – a isso eu não podia obstar - se bem que, na sua vida solitária, tal fosse pouco provável. De mim, pessoalmente, é que ele não deveria ficar a sabê-lo.”

“E agora vês as coisas de novo de outra forma?” inquiriu o pai, pousando o espesso jornal sobre o parapeito da janela e, sobre o jornal, os óculos, que ele cobriu com a mão.

“Sim, agora reflecti de novo sobre isso. Se ele é o meu amigo dilecto, disse para comigo, então o meu feliz noivado é também para ele uma alegria. E, por isso, não hesitei mais em comunicar-lho. Contudo, antes de pôr a carta no correio, queria dizer-to.”

“Georg”, disse o pai, escancarando a boca desdentada, “ouve de uma vez por todas! Tu vieste ter comigo por causa deste assunto, para te aconselhares comigo. Isso só te dignifica, sem dúvida. Mas isso nada vale, isso é pior que nada, se não me contares agora mesmo toda a verdade. Não quero aqui tocar em coisas que não vêm a propósito. Desde a morte da tua querida mãe que aconteceram certas coisas desagradáveis. Quiçá chegue também a hora de falar delas, e quiçá ela chegue mais cedo do que pensamos. Na firma, escapam-me diversas coisas. É possível que ninguém as oculte de mim – não quero aqui, de maneira alguma, levantar a hipótese de que elas me são songadas - já não sou suficientemente forte, a minha memória vai enfraquecendo. Já não tenho olhos

para tanta coisa. Isto é, em primeiro lugar, resultado da evolução da Natureza e, em segundo lugar, a morte da tua querida mãe atingiu-me muito mais a mim do que a ti. Mas porque estamos a tratar deste assunto, desta carta, peço-te Georg, não me enganes. É uma ninharia, uma coisa sem qualquer importância, por isso, não me iludas. Tens mesmo esse amigo em São Petersburgo?”

Georg levantou-se embaraçado. “Deixemos os meus amigos em paz. Nem um milhão de amigos conseguem substituir o meu pai. Sabes o que eu acho? Tu não cuidas de ti o suficiente. Mas a idade tem os seus direitos. Na firma, és para mim indispensável, sabe-lo muito bem; mas se a firma constituísse uma ameaça para a tua saúde, ainda amanhã a fechava para sempre. Isto não pode continuar assim. Temos de dar início a um outro tipo de vida para ti. Tem, porém, de ser uma mudança total. Estás aqui sentado no escuro, quando na sala de estar terias uma luz aprazível. Debicas o pequeno-almoço, em lugar de te fortaleceres devidamente. Estás sentado de janela fechada, quando o ar te faria tão bem. Não, pai! Vou trazer o médico e vamos seguir as suas prescrições. Vamos mudar de quartos; tu mudas-te para o quarto da frente e eu para aqui. Não constituirá para ti qualquer mudança; será tudo levado para lá. Mas tudo isso tem tempo, agora deita-te ainda um pouco na cama. Decididamente, tu precisas de repouso. Anda, vou ajudar-te a despir; vais ver que consigo. Ou queres ir já para o quarto da frente? Nesse caso, deitas-te provisoriamente na minha cama. Isso seria, aliás, muito sensato.”

Georg ficou junto a seu pai, que tinha deixado cair a cabeça, com o cabelo branco hirsuto, sobre o peito.

“Georg”, disse o pai em voz baixa, sem se mover.

Georg ajoelhou-se imediatamente ao lado do pai e viu as pupilas, no rosto cansado do pai, enormes nos cantos dos olhos, apontadas para si.

“Tu não tens nenhum amigo em São Petersburgo. Tu sempre foste um brincalhão e nem diante de mim te contiveste. Como é que tu podias ter lá um amigo! Não posso, de modo algum, acreditar nisso.”

“Pensa lá mais uma vez, pai”, disse Georg. Levantou o pai da poltrona e tirou-lhe o roupão - como ele estava ali agora tão fraco - “faz agora quase três anos que o meu amigo aqui esteve em nossa casa em visita. Ainda me recordo que tu não simpatizavas lá muito com ele. Por duas vezes, pelo menos, que, perante ti, neguei a sua presença, quando ele estava sentado precisamente no meu quarto. Sim, eu até compreendia a tua antipatia por ele. O meu amigo tem lá as suas singularidades! Mas também depois chegaste a conversar com ele perfeitamente. Na altura, senti-me muito orgulhoso por o escutares, por

acenares com a cabeça e fazeres perguntas. Se pensares bem, com certeza que te recordas. Ele contava, nesse tempo, histórias incríveis sobre a Revolução Russa. Como ele, por exemplo, numa viagem de negócios a Kiev, viu, durante um tumulto, um clérigo numa varanda, que talhara na palma da mão uma grande cruz de sangue, erguer a mão e apelar à multidão. Tu próprio repetias, de tempos a tempos, esta história.”

Entretanto, Georg conseguira fazer sentar de novo o seu pai e, com cuidado, tirar-lhe as ceroulas, que ele usava por cima das cuecas de linho, bem como as meias. À vista da roupa interior não muito limpa, censurou-se a si próprio, por ter descuido o pai. Seguramente que também era sua obrigação velar pela mudança da roupa interior do pai. Ainda não tinha falado com a sua noiva de forma explícita sobre como é que eles queriam organizar o futuro do pai, mas tinham tacitamente concordado, que o pai permaneceria sozinho na velha casa. Todavia, agora, ele decidira, rapidamente e com toda a certeza, levar o pai consigo para o seu futuro lar. Quase parecia, quando se olhava mais atentamente, que os cuidados, que aí lhe prestariam, poderiam chegar tarde demais.

Levou o pai para a cama nos seus braços. Teve uma sensação horrível, quando reparou, durante os poucos passos até à cama, que o pai brincava no seu peito com a corrente do seu relógio. Não conseguiu logo deitá-lo na cama, tanto se agarrava ele à corrente.

Mal se deitara, tudo parecia bem. Cobriu-se a si próprio e puxou a coberta bem acima dos ombros. Olhava para Georg sem animosidade.

“Não é verdade? Já te lembras dele?” perguntou Georg, acenando vivamente com a cabeça.

“Estou bem coberto agora?” perguntou o pai, como se não fosse capaz de verificar se os pés estavam bem cobertos.

“Afinal já gostas de estar na cama”, afirmou Georg, aconchegando melhor a coberta à sua volta.

“Estou bem coberto?”, perguntou de novo o pai e parecia dar especial atenção à resposta.

“Acalma-te, estás bem coberto.”

“Não!”, gritou o pai, colidindo a sua reacção com a resposta. Atirou a coberta para trás com uma tal força, que, por um momento, ela volteou no ar. Pôs-se de pé na cama. Só mantinha uma mão ligeiramente apoiada no tecto. “O que tu querias era amortilhar-me. Isso sei eu, meu patife, só que eu ainda não estou morto. E que seja este o último esforço, ele é suficiente para ti, demais, até! Claro que conheço o teu amigo. Para o meu coração, era um filho.

Por isso tu lhe mentiste ao longo de todos estes anos. Porquê? Julgas que não chorei por ele? Por isso tu te fechas no teu escritório. Ninguém pode incomodar, o chefe está ocupado. Tudo para poderes escrever as tuas falsas cartas para a Rússia. Mas, felizmente, ninguém tem de ensinar um pai a conhecer o filho. Tu julgaste agora, que o tinhas dominado, tão dominado que até podes sentar o teu traseiro em cima dele sem que ele sequer se mova. Foi aí que o senhor meu filho tomou a decisão de se casar!”

Georg ergueu os olhos para a imagem assustadora de seu pai. O amigo de São Petersburgo, que o pai, de repente, tão bem conhecia, apoderou-se dele como nunca acontecera antes. Via-o perdido na vastidão da Rússia. Via-o à porta da firma saqueada e vazia. No meio dos destroços das prateleiras, das mercadorias destruídas, dos canos de gás a cair, ali estava ele ainda de pé. Por que teve ele de partir para tão longe?

“Olha para mim!”, exclamou o pai. Georg, quase distraído, correu para a cama, a fim de ver melhor. Todavia, a meio do caminho estacou.

“Porque ela levantou as saias”, começou o pai a flautear, “porque ela levantou as saias assim, a torpe da imbecil”, e, para mostrar como era, ergueu tão alto a camisa que era possível ver na coxa a cicatriz da sua passagem pela guerra, “porque ela levantou as saias assim, assim e assim, chegaste-te a ela e para com ela te poderes satisfazer à vontade desonraste a memória da tua mãe, traíste o amigo e meteste o teu pai na cama, para que não se possa mexer. Mas pode ele mexer-se ou não?”

E ali estava ele de pé, completamente livre, a espernear. Irradiava entendimento.

Georg manteve-se num canto, o mais longe possível do pai. Tinha decidido observar tudo com precisão por um longo momento, para que não fosse possível ser surpreendido por quaisquer vias sinuosas: por trás ou por cima. Recordava-se agora de novo da decisão há muito esquecida e alheou-se dele, tal como se puxa uma linha pelo buraco de uma agulha.

“Mas o amigo agora já não é traído!” gritou o pai, e o seu dedo indicador, movendo-se, para trás e para a frente, reforçava as palavras. “Eu fui seu representante cá.”

“Comediante!”, não se conteve Georg de gritar, reconhecendo de imediato o mal feito; com os olhos esbugalhados mordeu, só que já tarde demais, a língua a tal ponto que se contorceu de dor.

“Sim, decerto que representei comédia! Comédia! Boa palavra! Que outro consolo resta ao velho pai viúvo? Diz – é para já a resposta! Sê ainda o meu

filho dedicado – que mais me restava no quarto das traseiras, perseguido pelo pessoal desleal, velho até aos ossos? E o meu filho lá ia, ledó e contente, mundo fora, fechando negócios, que eu tinha preparado, estonteado de júbilo e apresentava-se, por isso, perante o seu pai com o rosto fechado de um homem de bem! Crês que não te teria amado, eu, de quem tu és fruto?”

“Agora ele vai inclinar-se para a frente”, pensou Georg, “Se ele caísse e se desfizesse!” Esta palavra zuniu na sua cabeça.

O pai inclinou-se para a frente, mas não caiu. Dado que Georg não se aproximou, como ele tinha esperado, voltou a erguer-se.

“Fica aí onde estás. Não preciso de ti! Tu pensas ainda ter força para vir aqui, mas optas por te deteres, porque tu assim o queres. Esperemos que não te enganes! Eu sou ainda o mais forte. Sozinho talvez tivesse de recuar, mas a mãe legou-me a sua força, liguei-me ao teu amigo de forma admirável. As tuas cartas tenho-as eu aqui no bolso!”

“Até na camisa tem bolsos!”, disse Georg para si, acreditando que, com esta observação, ele o poderia ridicularizar aos olhos de toda a gente. Só por momentos é que ele pensou isso, pois logo esquecia tudo.

“Agarra-te à tua noiva e vem ter comigo! Eu varro-a de ao pé de ti, nem sabes tu como!”

Georg fez um trejeito, como se não acreditasse naquilo. O pai apenas acentava com a cabeça em direção ao canto onde Georg se encontrava, frisando, assim, que o que estava a dizer era verdade.

“Mas quanto me divertiste tu hoje, quando chegaste e me perguntaste se devias escrever ao teu amigo relativamente ao noivado. Mas ele já sabe de tudo, seu imbecil. Sabe de tudo! É que eu escrevi-lhe, pois tu esqueceste-te de levar daqui para fora o material para escrever. Por isso é que ele não vem cá há anos, pois ele sabe de tudo cem vezes melhor do que tu. Enquanto, na mão esquerda, amarrota as tuas cartas, sem as ler, na direita, segura à sua frente as minhas cartas para as ler!”

Dominado pelo arrebatamento, agitava o seu braço por cima da cabeça. “Ele sabe tudo mil vezes melhor do que tu!”, vociferou.

“Dez mil vezes!”, exclamou Georg, com o intuito de escarnecer do pai. Mas ainda na sua boca, a palavra ganhara já um tom atroz.

“Há anos que aguardava que me viesses com essa pergunta! Será que acreditas que me preocupo com outras coisas? Será que achas que leio jornais? Sim!” e atirou a Georg um jornal que, sabe-se lá como, tinha sido levado para a cama. Um velho jornal, com um nome que para Georg era completamente desconhecido.

“Mas quanto tempo hesitaste tu, até ficares maduro! A mãe teve de morrer, não podendo assistir ao grande dia, o teu amigo definha na sua Rússia – há três anos atrás que ele já estava macilento, bom para deitar fora – e quanto a mim, tu próprio podes ver em que pé estão as coisas. Para isso ainda tens olhos!”

“Quer dizer que me andaste a espiar!” exclamou Georg.

Compassivo, o pai acrescentou ainda: “Isso querias tu, com certeza, ter dito há mais tempo. Agora já não tem qualquer cabimento.”

E erguendo o tom da voz, continuou: “Agora ficaste a saber, o que é que existia para além de ti. Até agora só sabias de ti! Eras, na verdade, uma criança inocente, mas é ainda mais verdade que foste um homem diabólico! – E, por isso, toma nota: condeno-te, neste preciso momento, a uma morte por afogamento!”

Georg sentiu-se expulso do quarto, o estrondo com que o pai se precipitou na cama, ainda soava nos seus ouvidos. Nas escadas, sobre cujos degraus ele deslizava como se de uma superfície oblíqua se tratasse, até assustou a criada, que estava prestes a subir para arrumar a casa, passada que era mais uma noite. “Jesus!” gritou ela, cobrindo o rosto com o avental. Mas ele já tinha desaparecido. Do portão, atravessou de um salto a rua em direcção à água que o impelia. Agarrava-se já com força à balaustrada, como um esfomeado agarra os alimentos. Esmerava-se, como o excelente ginasta que tinha sido nos anos da sua juventude, para orgulho dos seus pais. Ainda se segurava, porém as suas mãos haviam-se tornado já mais lassas. Por entre as grades da balaustrada lobrigava um autocarro, que, com toda a facilidade, abafaria o som da sua queda. Baixinho, disse: “Queridos pais, mas eu sempre vos ameí”, e deixou-se cair.

Neste preciso momento, sobre a ponte o tráfego parecia não ter fim.

Trad. de Maria Helena Guimarães

Revis. de Gonçalo Vilas-Boas